



Mackintosh

Cabe-nos o prazer de apresentar hoje aos nossos leitores o retrato do famoso orador e literato inglez, Sir James Mackintosh.

Sir James Mackintosh nasceu, aos 24 de outubro de 1765, em Aldourie, perto de Inverness, na Escocia; e falleceu em Londres a 30 de maio de 1832.

A educação de Sir James Mackintosh foi esmerada, não obstante não ser grande a fortuna de seu pae — capitão que servira na *Guerra dos Sete Annos*.

Em 1780 entrou na Universidade de Aberdeen; em 1784 estudou em Edimburgo a cirurgia. Havia por esse tempo na capital da Escocia uma especie de Academia, intitulada — *Sociedade Especulativa* —, da qual eram membros os moços estudantes dos cursos diversos, no intuito e para o fim de se entregarem aos trabalhos litterarios e scientificos. N'essa Sociedade adquirio Mackintosh o habito precioso de orar em publico, que muito lhe servio depois para as lides parlamentares. Foi tambem n'essa Sociedade que travou conhecimento com o famoso Benjamin Constant, que então cursava os estudos em Edimburgo. Em 1788 veio estabelecer-se em Londres como facultativo, e ali casou; partindo depois com sua mulher para a Belgica no outono de 1789. A revolução franceza agitava a esse tempo um paiz tão visinho da França; Mackintosh não podia deixar de prestar attenção a esses acontecimentos extraordinarios, e começou desde logo a in-

teressar-se pelos estudos politicos. Quando voltou a Londres collaborou para um jornal politico, o *Oraculo*, inserindo ali alguns artigos sobre os negocios da Belgica e da França, que revelaram o seu grande talento. Burke tinha publicado a sua eloquente philippica contra a Revolução Franceza; Mackintosh tomou a defeza d'esta ultima em um escripto muito notavel intitulado — *Vindictæ Gallicæ* —, que os francezes traduziram com o titulo de — *Apologie de la Révolution Française*, — e que teve grande voga, merecendo que ao author conferisse a Assembléa Nacional o titule honorifico de *Cidadão Francez*.

Foi se Mackintosh affeicando cada vez mais aos estudos e trabalhos de publicista e de juriconsulto, a ponto de dar de mão á vida medica. Preparado, como estava, com os estudos de direito, entrou em 1793 no fóro, e não tardou em grangear como advogado uma grande reputação. Este novo exercicio não lhe roubou o tempo necessario para escrever artigos de litteratura e de historia no *Monthly Review*, que mais e mais o tornaram conhecido, e o relacionaram com os homens mais distinctos da Inglaterra, e particularmente com os chefes do partido Whig.

As suas idéas a respeito da Revolução Franceza modificaram-se consideravelmente, desde que a vio manchada por tantos excessos e crimes. Em 1799 professou um curso de direito natural, e occasião teve então de patentear o seu modo de ver aquelle memoravel acontecimento. Em 1802

deu Mackintosh provas inequívocas do seu grande talento de advogado, defendendo o francez Peltier, no processo criminal contra este intentado por occasião do libello famoso que publicára contra o Primeiro Consul, com o titulo de — *Ambigu* —. O arrasado de Mackintosh passa por ser uma das obras primas do fóro inglez, e colloca o seu auctor a par de Erskine e dos primeiros oradores de Inglaterra.

De 1804 a 1811 esteve Mackintosh na India Ingleza, na qualidade de juiz; contribuindo muito para o melhoramento da administração da justiça nos limites de sua alçada, — e applicando-se decididamente aos estudos de philosophia, de historia, e de litteratura antiga e moderna. Em agosto de 1812 voltou a Inglaterra; pouco depois entrou na vida parlamentar, assentando-se na Camara dos Communs ao lado de Sir Samuel Romilly, do famoso Canning, etc., e dando desde logo occasião a ser admirado, não só pela extensão de seus conhecimentos, senão tambem pela elevação da sua eloquencia. No parlamento advogou sempre a causa da liberdade e da independencia dos povos; assim a Polonia, e a Grecia tiveram sempre na pessoa d'elle um defensor decidido: tambem a extincção da escravatura, a emancipação dos catholicos, e o melhoramento da legislação criminal, foram o emprego da sua eloquencia brilhante e calorosa. Como sendo um dos chefes da opposição Whig, figura o seu nome ao lado dos de Fox, d'Erskine, de Canning, de Wilberforce, de Lord Holland, etc.

Em 1818 foi nomeado professor de legislação no Collegio da Companhia das Indias em Halesbury; passados annos foi eleito reitor da Universidade de Glasgow, com quanto tivesse por competidor o celebre Walter Scott.

Em 1830, quando o ministerio Whig subio ao poder, entrou no gabinete como commissário para os negocios das Indias. N'esse anno perdeu a sua segunda mulher, e desde então foi-se deteriorando a sua saude. Morreu em Londres no dia 30 de maio de 1832.

A Inglaterra toda lastimou a perda de Mackintosh, como sendo a de um dos mais illustres cidadãos d'aquelle grande paiz. (1)

Madame de Staël, nas suas *Considerações sobre a Revolução Franceza*, fallando da brilhante reunião de inglezes notaveis que vio em Bowood, residencia campestre de Lord Lansdowne, cita entre outros, o preclarissimo Mackintosh, e assim se exprime a respeito d'este: = Sir James Mackintosh, designado pela opinião para continuar Hume e para o exceder, escrevendo a historia da liberdade constitucional de Inglaterra, é um homem tão universal nos seus conhecimentos, e tão brilhante na conversação, que os inglezes o apontam com orgulho aos estrangeiros, para fazerem sentir que tambem n'este genero podem ser os primeiros = (2)

Foi por certo um homem de alto merecimento Sir James Mackintosh! Se alguma duvida podesse haver a tal respeito, bastaria considerar que o grande Macaulay, escrevendo um muito nota-

(1) Seguí muito de perto, embora resumindo, o artigo que a Mackintosh consagra a *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 32.<sup>o</sup>

(2) *Considerations sur les principaux événemens de la Révolution Française*. Paris. 1820. Tomo 3.<sup>o</sup>, pag. 280.

vel artigo de critica ácerca da *historia da Revolução de Inglaterra em 1688*, obra do mesmo Mackintosh, começa por se exprimir nos seguintes termos:

= Com uma sincera desconfiança de mim proprio, me aventuro eu a dar a minha opinião sobre a ultima obra de Sir James Mackintosh. Em vão diligencieei fazer o que deveria ser facil e habitual a um critico. Em vão me esforcei por separar do escriptor o livro. Tudo isto me foi impossivel. Todas as feições d'aquella veneranda phisionomia estão ainda presentes á minha consideração. Todas as inflexões particulares d'aquella voz, da qual os homens de letras e os politicos folgavam de recolher as discretas, serenas e benevolas lições, resôam ainda aos meus ouvidos. Porei todo o cuidado em observar uma restricta imparcialidade; mas não me envergonho de confessar que d'esta reliquia de um homem virtuoso, e de todo ponto completo, me approximo com os sentimentos de respeito e de reconhecimento, que por ventura poderão ter influencia no meu juizo. = (3)

Não é possivel dizer-se mais de um homem; e estas expressões, já de si tão lisongeiras e sentidas, adquirem maior realce por saírem da pena de um critico severo e inexoravel, como foi o eloquente, o sabio Lord Macaulay.

Mais tarde voltarei a fallar de Sir James Mackintosh, dando conhecimento mais circumstanciado dos seus escriptos, dos seus trabalhos parlamentares, e de algumas particularidades interessantes. Por agora só quiz apresentar o esboço biographico de um grande vulto dos tempos modernos, e propôr á admiração dos leitores d'este semanario o merecimento extraordinario de um filho illustre da Inglaterra.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

## O AMOR PLATONICO

Está expressão vulgar do amor ideal e puro, do affecto que se contenta com a contemplação beatifica do objecto amado, é um dos muitos erros, que é impossivel desenraizar, porque se fundam na tradição e na memoria fiel do povo.

A escola materialista e anti-evangelica tentou muitas vezes, e ainda agora não se dá por vencida, alligar a philosophia de Socrates e Platão com as santas doutrinas do Crucificado.

Porque o espiritualismo é fundamento de ambas as doutrinas, e porque uma e outra tendem para o bem do homem, pelo seu aperfeiçoamento e melhora das suas faculdades; porque o amor universal e fraterno de todos os homens é a conclusão final dos dois philosophos da Grecia assim como do martyr do Golgotha, affirmam os materialistas que Jesus Christo imitou Socrates e Platão, e não fez senão propalar, com o seu verbo eloquente e insinuante, com a sua palavra cheia de unção e doçura, theses já conhecidas.

É inutil demonstrar a falsidade e ruindade de taes assertos.

Depois dos improbos e luminosos trabalhos da philosophia moderna, no cotejar, comparar e

(3) *Essais sur l'histoire d'Angleterre par Lord Macaulay, traduits par M. Guillaume Guizot*. Paris. 1864. (Sir James Mackintosh et l'histoire de la Révolution de 1688.)

analysar as doutrinas dos grandes mestres da Grecia e as sentenças e parabolâs do Nazareno, não pôde haver duvida sobre a immensa e infinita superioridade do christianismo.

Que differença entre o amor platonico, conforme o comprehende o vulgar, e o amor christão, como é realmente! Aquelle é a abstracção, este o ideal. Aquelle é uma ardencia da alma sem objecto determinado, é uma contemplação reflexiva, é um pairar pelo mundo, é um desregramento do coração, é o desinteresse immeritorio, porque não ha sacrificio nem laços sympathicos, é um sentimento placido, sem arroubamentos, sem extasis. Este é o sentimento na accepção mais grandiosa e ampla, é o estremecer da alma, por todas as afflicções, é o consolo dos afflictoz, o balsamo das chagás, o osculo da paz e da concórdia, a mãe que se sacrifica pelo filho, a creatura angelica que tudo dá aos pobres, a virgem que nas sombras e ás escondidas soccorre os desgraçados, a lagrima que cãe das faces do opulento e do poderoso sobre as miserias do misero, e transforma as palhas infectas em conforto e gasalhado. Aquelle é semente infertil lançada no coração do homem; este é o rocio benefico, que cãe sobre a humanidade e tudo aviventa e regenera, dá viço e frescor ás flores da alma, d'onde se levanta um suavissimo perfume, uma fragrancia celestial, um halito angelico — a caridade — essa grande alavanca do Christianismo, esse fundamento perduravel das sociedades modernas, esse laço fraterno, que liga todas as creaturas pelo bem e para o bem, pela communitate das dores e soffrimentos, pela recompensa das boas acções na consciencia.

O amor platonico é um fogo inutil, é uma offerenda pendurada n'um altar nu e desolado. O amor platonico é o egoismo disfarçado, é o quietismo da alma; entorpece as grandes acções, secca, nas suas origens, o espirito humanitario, e não dá alento á alma para os sacrificios. Inerte e impotente, torna-se passivo, e é a linha de passagem entre o fetichismo e o amor universal pelo amor de Deus.

Quão diverso porém é o amor platonico, qual o definiu o grande philosopho, e qual o apresentaram os philosophos da renascença, e, após elles, os que seguindo os vestigios dos encyclopedistas do seculo passado, se bem que por caminhos diversos, intentam oppôr á estreme e genuina religião de Christo, uma collecção de preceitos sociaes, que pôdem calar na rasão, e nunca enraizar-se na alma e na consciencia dos povos!

Aquelles que, desprendidos de opiniões anticipadas, compulsam a historia e a estudam friamente, conhecerão a grande differença, que vae do philosopho pagão ao humilde filho de Galiléa, que soube dar ao mundo uma feição completamente nova, dando-lhe esperanza na vida futura, caridade nos dias ephemeros e transitorios, e arrependimento e perdão para todas as culpas.

A philosophia academica ou platonica, que na renascença substituiu a philosophia peripatetica ou de Aristoteles, e preparou o terreno para os grandes descobrimentos modernos, é a combinação, já preparada por Socrates, entre a escola italica ou pythagorica e a de Thales ou philosophica propriamente dita.

A feição de Pythagores buscou Platão nos nu-

meros a harmonia do universo, e para resolver o problema da natureza partiu da revelação primitiva da divindade e das reminiscencias anteriores ou idéas innatas.

Como Thales fez do raciocinio uma das bases da sciencia e abriu caminho á experiencia, que nas mãos de Aristoteles, seu discipulo e espirito altamente encyclopedico, foi alevantada ao apogeu, como na renascença fizeram Bacon e Campanella.

Dividindo os conhecimentos em duas ordens: fixos e variaveis, os primeiros oriundos da intelligencia e consistindo nas idéas e os segundos dos sentidos e resumindo-se nas sensações; separando a conjectura do saber, e descriminando as faculdades de querer, sentir e conhecer, grandissimos foram os serviços que Platão rendeu á philosophia, e as suas obras, e principalmente os seus *dialogos*, são eterno monumento, que comprova a extensão, profundeza e lucidez do seu engenho.

Platão é essencialmente moralista, e segundo elle, os conhecimentos adquiridos para nada são e nada servem, quando não conducentes á moral, fim de todos os nossos pensamentos e cogitações, recompensa e galardão de todos os nossos esforços.

Genio verdadeiramente creador e profuso, typo ideal e admiravel da philosophia socratica, espirito geometrico, e ao mesmo passo eloquente e insinuante, Platão define a divindade como o bem immudavel e necessario, ao tempo que a vida é o bem contingente e fallivel. Reflectir Deus no mundo, dar a este a maior quantidade possivel dos attributos d'aquelle, tornar a alma o vehiculo, pelo qual o bem se espalhe na terra, tal deve ser o encargo da philosophia.

Mais attreito a buscar as causas e os porquês do que a estudar os proprios factos, absorto no ideal do bom e do bello, Platão engeita a experiencia, e, coisa notavel, e coincidencia, ou antes, antinomia muito para espantar, foi esse mesmo desprezo da experiencia que gerou a sciencia moderna, puramente experimental.

Platão é o quietismo da alma e medita constantemente, para que o homem se aperfeiçoe, admirando tranquillamente, com um socego que tem um quê de saraphico, as grandezas e esplendores da natureza. Não podendo desprender-se do symbolismo indiano, se bem que haja purificado a idéa de Deus, reduzindo-a á unidade, prosegue na sua carreira, com uma inspiração superior á de Socrates, resultante da idéa superior da divindade. Por isso, força é dizel-o, de todas as escolas gregas a que mais se approximou do Christianismo foi a academica, e, se devemos regeitar a opinião de alguns, que põem Platão e Socrates a par de Christo, cumpre confessar que os trabalhos d'estes dois grandes espiritos prepararam o terreno, aonde havia de cair, nascer, radicar-se, florescer e fructificar a palavra do Nazareno.

(Continua)

A. OSÓRIO DE VASCONCELLOS.

### CRENÇAS DE AMOR

Que immenso affecto se não concentra no coração de um mancebo, quando, no arrebol da juventude, sente desabrocharem-lhe n'alma as pulsações d'essa vida nova, que se chama — o

amor!! É como a fragrante rosa ainda em botão, que encerra no seu calice todos os perfumes, com que ha de embalsamar a atmosphera, quando o sol do estio lhe desdobrar as petalas humedecidas pelas lagrimas do matinal orvalho, e os quaes devem mais tarde evaporar-se quando a brisa vespertina espalhar pelo chão a flor já desfolhada.

A juvenil imaginação, fecunda e opulenta, sonha então mil esplendidas phantasias n'um provir dourado, que antevê na suave união, que com a mulher adorada deve fazer de duas existencias uma existencia apenas.

Por pouco que o genio da poesia lhe roce com a ponta da aza brilhante as expansões do talento, o mancebo sentirá enflorar-se-lhe o alaude, e modulará em flebeis canticos as aspirações do seu futuro.

Eis a explicação dos versos que muito em confidencia me leu o meu intimo amigo X., quando tinha 18 annos.

•Se me acceitasses este affecto, ó qu'rida,  
Que na minha alma tem singelo altar,  
Toda a ventura que promette a vida  
Eu déra alegre por um teu olhar!

•A mente ás vezes phantasia em sonhos  
Aureos reflexos de um feliz provir;  
Pois do futuro os ouropeis risinhos  
Eu déra alegre por um teu sorrir!

•Sonhei a gloria com fervente anhelio,  
Vendo horisontes d'extensão sem fim;  
Mas os deleites de um sonhar tão bello  
Eu déra alegre por cingir-te a mim!

•Viver na patria, que me inspira amores,  
É cá no mundo o meu sonhado céo;  
Pois, exilado, do meu berço as flores  
Eu déra alegre por um beijo teu!

•Que importa a morte, se a existencia ó qu'rida,  
Só nos teus braços póde ter valor?  
Venham mil gózos! e depois... a vida  
Eu déra alegre pelo teu amor!!

Correram os dias no seu lento e inexoravel volver; doze annos se sumiram nos abysmos do passado; aquella altiva cabeça do mancebo começou a curvar-se ao peso de mais serios cuidados, e a misturar com as finas madeixas dos seus negros cabellos umas cãs argenteas, que vieram curiosas espreitar-lhe na frente a ruga da velhice.

A mulher querida tinha acceitado o affecto do mancebo, sem que elle houvesse, como promettera, dado em escambo a vida; haviam-se trocado sorrisos e abraços, sem que o mancebo carecesse de sacrificar-lhe o futuro das suas ambições, nem os sonhados enlevos da sua gloria! Quanto a beijos manda a descripção não profundar tão melindroso assumpto! mas é certo que, ou se déssem ou não, o moço não teve de expatriar-se, é vivo e conta morrer na patria que lhe inspira amores... e tantos amores, que por ella tem feito repetidos sacrificios de ser vereador municipal, deputado da nação, conselheiro, commendador, e ainda espera levar a sua abnegação a ponto de acceitar um baronato ou viscondado, na primeira occasião, tudo para maior gloria e esplendor da patria!

A sua bella tambem, depois de escutar os mesmos protestos, jurados com egual convicção e

vehemencia por tres successivos adoradores, vae já esperando com alguma impaciencia o quarto successor do meu amigo, recitando nas horas vagas ao piano por desenfadamento os versos que elle lhe offereceu.

No mais um e outro passam sem novidades nas suas importantes saudes!

O botão de rosa, que encerrava tantos aromas, abriu com os calores do meio dia da existencia, os perfumes evaporaram-se no ambiente, com que nos cerca na vida a sociedade, e as folhas resequidas espalhou-as ao entardecer o sopro dos desenganos!

Eis em que vão parar tantas vezes as crenças de amor.

C. B.

### UM EPISODIO MARITIMO EM 1793

(Continuado de pag. 100)

No dia seguinte á noite, Brest, com as suas ilhotas negras á flor d'agua, e as suas costas aridas batidas pelas vagas torrentuosas do *Iroise*, appareceu, sob um céo pardacento, aos olhos attentos dos vigias da *Pastora*; e, entre as cumiadas de S. Matheus e a rocha Parquetté, descortinou tambem o capitão, uma fragata ingleza, bordejando contra uma forte brisa d'oeste para ganhar o mar alto. «Aquella fragata, disse Cassardier, tolhe-nos o caminho que temos a seguir; é preciso passar por sobre ella, ou ficarmos a seu lado. A brisa encaminha-nos para terra e a terra é para nós! Eis o momento de ler o nome d'este inglez e de vos fazer conhecer o meu, que todos, tantos como sois, tendes lido mal nos meus alhos. A abordagem, previno-vos, foi o meu primeiro amor, e hoje, repito-vos, sinto ainda bastante amor no coração pela abordagem. Timoneiro, dirija a corveta a prolongal-a com aquella fragata. Cidadãos da *Pastora*, viva a republica! e morra o primeiro que hesitar em cumprir com o seu dever!» Immediatamente a estas palavras, pronunciadas como uma tal intimativa e expressão inteiramente novas para os ouvidos da gente da equipagem da *Pastora*, a corveta achou-se borda a borda com a fragata. Depois de uma descarga dada e recebida outra, o grito de: *á abordagem! á abordagem!* resou sobre as pavesadas da corveta: cruzaram-se as arinas, derramou-se sangue em ambos os navios, prolongou-se a carnificina, renovaram-se os ataques, e redobrára a resistencia. Tres vezes Cassardier, á frente dos seus mais valentes marinheiros, saltou, e brandio o sabre contra o inimigo; tres vezes o grande numero que elle assaltára repellira o furor dos seus golpes, e no momento em que elle conseguiu emfim abrir brecha nos grupos que até então achava cerrados quando d'elles se approximava, alguns da fragata cortaram os arpées que a unia á corveta; a corveta recuou, caindo-lhe o mastro da mezena e o navio inglez, em desordem, poz-se em fuga, deixando a *Pastora* meio desmantelada e na absoluta impossibilidade de continuar o combate glorioso que encetára com tanta bravura, mas com tão pouco resultado!

Foi n'este momento que, cercado de mortos e feridos, o intrepido Cassardier, furioso de raiva, e ameaçando ainda com o sabre ensanguentado o inimigo que lhe fugia, se revelou toda a belleza da sua terrivel magestade aos olhares espantados dos homens que lhe restavam.

Quem sois vós? perguntaram ao mesmo tempo a gente da equipagem e o unico official que tinha escapado, achando-se sempre a seu lado durante a abordagem.

Quem sou eu? respondeu com um horrivel ranger de dentes o leão furioso: sou o escocador de João-Bom-Santo-André, eu o manobrador por acaso, e enfim o joquete de ma tabeiras como vós, sou, sou... o capitão Duro como coiro, para os marinheiros e os bravos da India, como eu!...

— O capitão Duro como coiro, do corsario le Tourmentin, da ilha de França!! murmuraram consternados e envergonhados, os feridos e os que sobreviveram da Pastora. Ah! commandante quanto nos enganaste e humilhaste!

— Sim, mas João-Bom-Santo-André não se enganou.

A corveta, desmantelada e em pessimo estado,

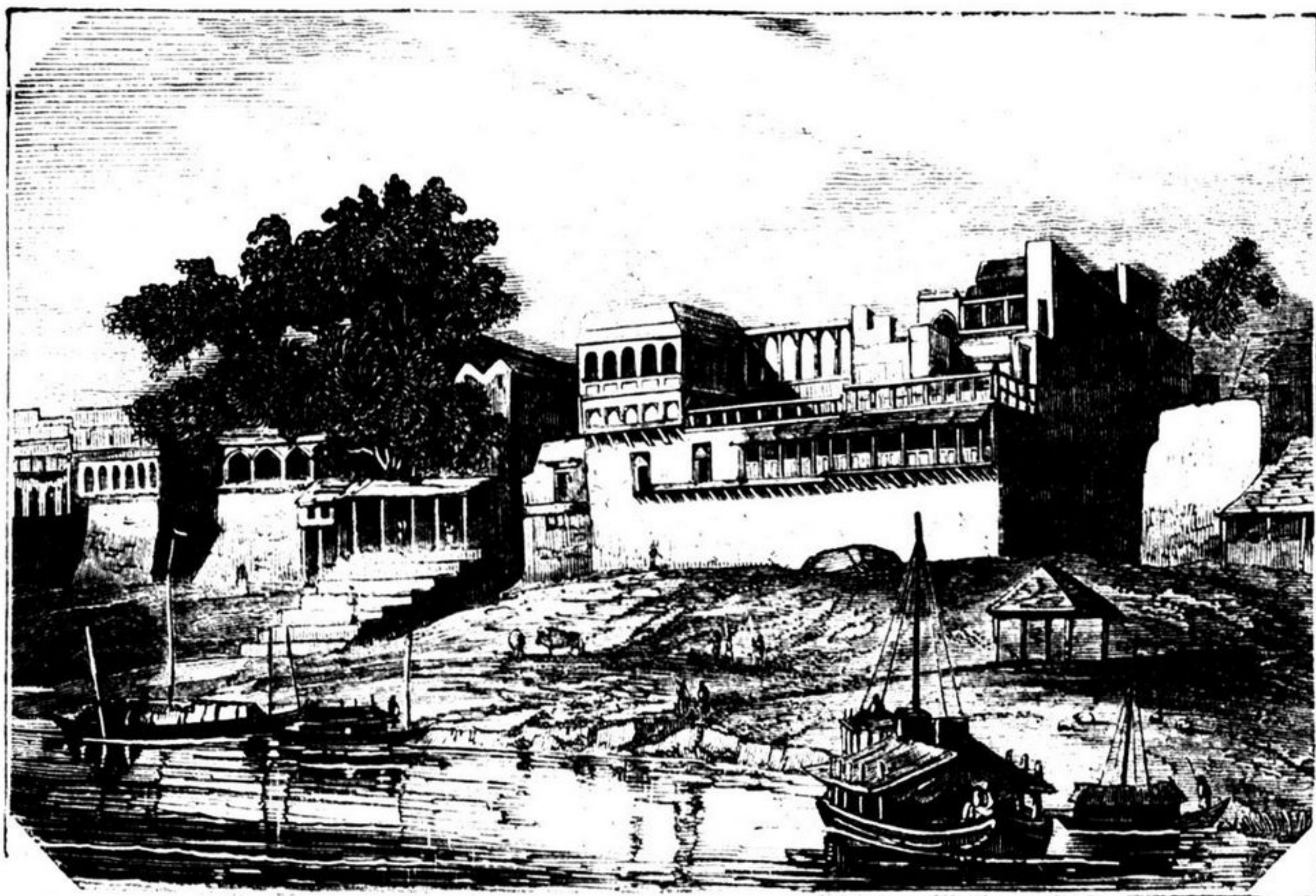
ainda manchada com o sangue da valente equipagem, entrou á noite em Brest.

A entrevista do joven commandante com o representante do povo foi curta mas assás caracteristica.

— Cidadão commandante, disse Cassardier, tenho quinze dias de viagem e eis aqui o meu relatório, que te dará a força dos dois navios cruzeiros que encontrei. Metti a pique uma fragata, peço quinze dias para descansar e declaro-te que me tornei assás polido para commandar qualquer equipagem de cidadãos da republica.

— É eu considero-te assás bravo para te dar um navio para commandar, O Vingador está ali, convem te?

— Como um par de luvas. Mas devo advertir-te de que é um navio perdido para a republica, porque desaparecerá sob os meus pés.



O Ganges — Patna

As immensas vantagens que os indios tiram dos rios que atravessam o seu paiz justificam plenamente as crenças supersticiosas que os padres, fundadores da sua religião, tem ligado a esses rios e particularmente ao Ganges. Collocados sob um céu ardente, devorados pelo calor de um estio contínuo, quanto não apreciarão elles o elemento que lhes proporciona um salutar refrigerio ao sangue inflammado! Os legisladores indianos tem feito, como Moysés e Mahomet, das abluções um preceito religioso, sabio preceito ao qual tem juntado mil contos absurdos.

O Ganges é para os indios o rio por excellencia. Afirmam que sae do pé de Visnou, divindade conservadora. O certo é que depois de sair das vastas montanhas do Tibet e ter percorrido a extensão de duzentas e sessenta leguas, pouco mais ou menos, por espaçosas sinuosidades,

passa atravez os montes Himmaleh e precipita-se n'uma vasta bacia que elle mesmo abrija na rocha, e d'aqui desce ás deliciosas planicies do Indostão. O resto do seu recurso, que é sempre navegavel até o mar, é de mais de quatrocentas legoas. Neste grande trajecto fornece uma multidão de habitantes, e mantem com as suas inundações a fertilidade das terras visinhas.

O Ganges recebe um certo numero de confluents, dos quaes alguns são eguaes ao Rheno e mais de dez desembocam no Tamisa. A largura, a partir da sua entrada nas planicies, é primeiro de um quarto de legoa, depois de um terço, e finalmente de uma legoa, e a setenta e cinco legoas do mar divide-se em duas partes e forma um delta muito mais vasto que o do Nilo. A parte principal do rio é pouco profunda para navios de alto bordo; mais as duas partes mais

occidentaes formam, com a sua reunião, o rio *Haugly*, aonde está situado o celebre porto de *Calcutá*, no qual entram navios de grande lotação. Os numerosos canaes que tem a nascente no Ganges cortam o paiz em todos os sentidos, e a na sua incessante navegação estão occupados mais de *trinta mil* marinheiros.

Terriveis tempestades tem muitas vezes deixado no Ganges immensos e funestos vestigios dos desastres. Frotas inteiras de navios mercantes tem sido submergidas ao mesmo tempo. Estes subitôs temporaes são mais perigosos nos pontos mais largos do rio e succedem ordinariamente um pouco antes da estação hiuvernosa, a partir de marco. Os marinheiros que costeiam o Ganges estão ainda sujeitos a outros perigos pelos fins d'aquella estação. A costa é formada de terra solta, e em partes de muita elevação, e desabando em enormes massas, submerge os barcos que apanha na sua queda.

A nossa gravura representa uma vista da cidade de Patna, que está situada sobre o Ganges a cento e sessenta legoas da sua foz, a cincoenta legoas Benarés e a cento e trinta de Calcutá. É a capital da provincia de Behar, que mora entre o districto de Benarés e Bengala.

As numerosas ruinas de edificios publicos e particulares, dispersos no Patna, attestam o antigo esplendor, esplendor que até hoje tem successivamente declinado; todavia é ainda vasta e populosa. Como esteve exposta a frequentes ataques, é fortificada pelo systema indiano, isto é, cercada por uma muralha e defendida por uma pequena cidadella.

O excellente opio que fornece a prodigiosa quantidade de dormideiras cultivadas nos arredores de Patna, e uma consideravel exploração de satitre, contribuem para a opulencia d'esta cidade e formam o centro de um grande commercio. Os differentes estabelecimentos de manufacturas de prata, de ferro, de madeira, tanto de marceneria como de entalhador, em nada cedem aos da Europa.

Foi em Patna que Myr Quacem, nababo de Bengala, fez massacrar os inglezes apresionados na guerra de 1764. — execução horrivel de que foi encarregado um renegado, por nome Summarou.

Os inglezes indignados expulsaram o nababo e ficaram senhores pacificos do Behar, Bengala e d'uma parte do Orissa, e elevaram um monumento para memorar tão lamentavel successo.

## POETAS E PROSADORES

### I

(Continuado de pag. 107)

*As Possessões portuguezas na Oceania* é um livro de verdadeira importancia escripto pelo sr. Affonso de Castro, que foi governador d'essas miserandas reliquias do nosso antigo dominio na Malasia, dominio de que Affonso de Albuquerque lançou os fundamentos, e de que fomos esbulhados pelos hollandezes. A obra do sr. Affonso de Castro divide-se em duas partes, uma historica, outra economica e politica. A primeira é curiosa, porque nos dá noticias quasi ignoradas acerca d'essas possessões, a que está hoje limitado o nosso imperio nos florescentes archipelagos orien-

taes, mas que no tempo da nossa grandeza pouca attenção mereciam aos vice-reis da India, occupados exclusivamente de mais proveitosos dominios. Quando esses estabelecimentos principiam a adquirir importancia, foi quando tambem principiou a nossa decadencia, e pôde-se dizer verdadeiramente que a historia de Timor e Solor começa no meiado do seculo XVII. Então as attensões do governo da metropole voltavam-se do oriente para o occidente, do imperio arruinado da India para o imperio florescente e juvenil da America portugueza. As fortalezas, que nos restavam n'aquelle antigo theatro das nossas façanhas, lá se defenderam e lá se sustentaram obscuramente, sem que por isso deixassem de se tingir os seus muros com sangue portuguez heroicamente derramado. O livro do sr. Affonso de Castro arranca da sombra esses episodios guerreiros, que estavam na sombra sepultados,

A segunda parte (economica e politica) tem uma importancia mais de actualidade. O elevado cargo, que o sr. Affonso de Castro exerceu na provincia ultramarina, de que se occupa, habilitou-o a conhecer a fundo os recursos da terra, e os defeitos da organização actual; as suas relações e o seu trato pessoal com os hollandezes, esses grandes mestres em materia de colonisação, as suas digressões á ilha de Java, essa perola do Oriente, habilitaram-no a apreciar as vantagens do systema que elles seguem, e a que tem devido o florescer incomparavel d'essa formosa possessão, cuja capital Batavia é uma das cidades mais ricas e mais commerciaes da Asia.

D'aqui se vê que os alvitres apontados pelo sr. Affonso de Castro, as considerações que elle faz sobre o modo de darmos a Timor a importancia de que é susceptivel, merecem attrair a attenção do governo, principalmente n'um tempo em que se pedem reformas a grandes brados, e em que o sr. ministro da marinha e do ultramar parece disposto a emprehender as mais decisivas.

Chama-nos agora a attenção um folheto de cento e tantas paginas, que tem por titulo *Relatorio sobre os trabalhos da conferencia sanitaria internacional, reunida em Constantinopla em 1866, pelo conselheiro e primeiro medico da real camara Bernardino Antonio Gomes, delegado da mesma conferencia.*

Esta conferencia, reunida na capital do imperio turco, por iniciativa do governo francez que dirigio a todas as nações europeas um convite que foi attendido, tinha por fim *investigar as causas primordiales da cholera, determinar os seus pontos de partida principaes, estudar os seus caracteres e a sua marcha, emfim, propor os meios praticos de a circumscrever e de a abafar na sua origem.* Assim se exprime a circular dirigida aos differentes governos pelo ministro dos negocios estrangeiros de França, que era n'essa época Mr. Drouyn de L'huis.

Effectivamente esta questão da cholera-morbus era das que mereciam mais cuidados á Europa culta. Substituindo todas aquellas antigas pestes,

que devastavam as cidades, e as transformavam em ermos, a cholera-morbus, saindo do seio das florestas orientaes, tem feito, n'este seculo, de 1830 para cá, invasões periodicas na Europa, invasões que a civilisação facilita, porque a rapidez dos modernos meios de communicação favorece a transmissão da epidemia, que, nas longas viagens, muitas vezes se dissipa. Era necessario, portanto, procurar os meios de pôr um dique a essas invasões; porque, estando já tão proxima a abertura do isthmo de Suez, começando já a desenhar-se através da Asia Menor a longa lita dos caminhos de ferro que hão de unir a Europa á India, e substituir as antigas caravanas, que atravessavam morosamente o deserto, por estas caravanas de fogo que sulcam o espaço com a rapidez do raio, era natural que a cholera, aproveitando (sem ser accionista) o fructo dos trabalhos de M. Ferdinand de Lesseps, transpuzesse com triplicada rapidez o espaço que vae da Asia á Europa e nos ameaçasse com invasões muito mais repetidas e mortíferas.

Isto emquanto á abertura do isthmo; os caminhos de ferro da Asia Menor são menos para temer, porque está demonstrado que os caminhos de ferro não favorecem tanto como os navios a transmissão da cholera. Eis o que diz a esse respeito o sr. Bernardino Antonio Gomes no seu bem elaborado relatório:

«Passando ao estudo especial da influencia que os meios de communicação exercem na propagação da cholera, e depois de haver já estabelecido que, ligada essencialmente á marcha do homem, tudo quanto lhe facilita os passos torna-se igualmente proprio para espalhar as epidemias da doença, era além d'isso preciso considerar a semelhante respeito os differentes modos de viação. Foi facil reconhecer que o da navegação era de todos o mais perigoso, pela fórma como a bordo d'um navio se accumulam e concentram com os individuos e objectos os germens que propagam e levam ao longe a doença. Os caminhos de ferro, que, pelo contrario, permitem a disseminação d'esses germens, porque, dispondo d'um arejamento natural e continuo, offerecem condições mais favoraveis, que são todavia contrariadas pela rapidez da marcha, e que o podem sobretudo ser quando transportem grandes massas de individuos, tropas, peregrinos, ou outras, civadas da infecção cholérica, como em 1863 se observou no caminho de ferro de Suez, quando os peregrinos de Meka trouxeram a doença a Alexandria. Um modo porém de transitio, que fixou particularmente a attenção da commissão e da conferencia, e que, a respeito da propagação da cholera, revelou factos interessantes, é o da jornada das caravanas atravez do deserto.»

(Continúa)

M. PINHEIRO CHAGAS.

### A JUDIA

Existe na costa oriental do golpho de Finlândia, a umas vinte leguas da velha cidade de Narva, um dominio chamado Kinda, notavel pelos seus pittorescos pontos de vista, e pelos seus vestigios d'antiguidade. Naquelle ponto desen-

volve-se uma vegetação mais rica e variada do que a que apparece ordinariamente nas regiões septentrionaes. Os ramos do carvalho enlaçam-se com os da faia, e por toda a parte, até a praia, se estende um tapete de verde relva, que a maré não devora; porque no Baltico não ha maré.

N'esta risonha planura, a um quarto de legua, pouco mais ou menos, uns dos outros, elevam-se tres rochedos de cem pés de altura. Dois d'estes gigantes de pedra estão quasi inteiramente occultos, desde a sua base até o cume, por uma rica vegetação de pinheiros mansos. O terceiro, cujo declivê é menos escarpado, apenas mostra em seus flancos algumas flores silvestres e pequenos arbustos.

Do alto d'este ultimo, a vista domina de todos os lados um panorama immenso, uma planicie triste e silenciosa como o golpho. Ali está-se exposto a todos os ventos; e, comtudo, foi nesse logar desabrigado que o capricho ou arrojo d'um architecto escolheu para construir uma vasta habitação, que de longe se distingue como um baluarte isolado no cimo d'uma fortaleza.

Da planicie, onde se notam algumas cabanas, as ruínas d'um antigo castello e as d'um moinho velho, signal de reconhecimento para os barqueiros, sobe-se, gradualmente, por uma ladeira quasi insensivel, ao cimo da rocha solitaria. E, só quando se está ao pé da habitação, é que se póde contemplar em toda a sua extensão o espaço que o rochedo domina: os campos, os bosques, o mar, e as asperas penedias da ilha Hochland.

Aquellas paragens têm sido theatro de muitas aventuras com os contrabandistas. Porque os habitantes d'aquelle districto, distantes, como estão, das grandes cidades, não podem comprar senão por um preço elevadissimo as mercadorias sujeitas ao imposto do governo, e os Finlandezes, que habitam do outro lado do rio encarregam-se de lhes obter essas mesmas mercadorias por um preço muito mais modico. Além d'isso, os Finlandezes, entregando-lhes generos estrangeiros, não lhes pedem moeda. Admittem facilmente o systema da troca, e recebem em pagamento productos agricolas, o que é mais um motivo tentador para uma população de pastores e agricultores. Muitas vezes o barco finlandez, que chega á praia livonia com uma carregação de café, assucar, fazendas inglezas e diversos objectos de luxo, volta com outra de trigo e aguardante.

Para reprimir este trafico fraudulento, o governo russo estabeleceu na costa uma companhia de cosacos a cavallo, que receberam o titulo de guarda-costas; ou alfandegueiros. Estes empregados do fisco, acampados a uma legua pouco mais ou menos da casa edificada sobre a rocha, inspiravam um odio mortal a toda a gente d'aquelles sitios; o mais humilde cidadão regosijava-se de os enganar; a sua presença não fizera mais do que estimular o ardor, a astucia dos contrabandistas. Os habitantes d'esta costa são homens de tempera energica character independente, e excellentes barqueiros.

No principio do inverno, o commando dos cosacos fora confiado a um official subalterno que, por sua actividade, seus rigores inflexiveis, e muitas vezes crueis, chegára a intimidar os defraudadores da fazenda nacional. Na mesma época, rapidas e violentas variações de temperatura

tornavam a navegação d'esta parte do Báltico muito difficil. Só em março o golpho se cobrio d'uma camada de gelo compacto, e os cosacos retomaram os seus hábitos de vigilancia.

Começa aqui a lousa historia.

Entremos no recinto d'uma vasta casa situada em cima do rochedo. Uma das salas do pavimento rez do chão, que, habitualmente, é occupada por uma numerosa coorte de creados, offerece n'este momento uma scena d'um effeito pittoresco. Sobre uma meza que se estende em todo o comprimento da sala, um homem colloca uma quantidade d'objectos que tirou successivamente de um pacote. Este homem, vestido d'uma especie de tunica feita de pelle de carneiro, como os Finlandezes e a maior parte dos habitantes das provincias do Báltico, tem a barba preta bem frisada, olhos penetrantes, e uma agilidade de movimentos extraordinaria. A roda d'elle estão, com uma viva curiosidade, as creadas da casa: as mais novas com as suas tranças formando uma grinalda sobre a cabeça, como as madonas italianas; as velhas com os seus bonés de côres diversas, guarnecidos de fitas fluctuantes. Algumas d'estas mulheres examinam attentamente as differentes fazendas que o mercador desenrola diante d'ellas, enquanto que outras, menos ousadas, contemplam de longe esses objectos, porque estão suspirando. N'uma das extremidades da sala estavam reunidas, em differentes grupos, uma duzia de fiandeiras trajando rusticamente. Algumas, tendo tirado os manteletes, deixavam ver uma camisa grossa bordada a côres. Os cabellos d'estas mulheres fluctuavam ao abandono sobre o seio ou sobre as espaldas. Na outra extremidade da casa elevava-se um enorme forno construido de tijolos, no qual, uma moça de cosinha, vestida do mesmo modo que as fiandeiras, mettia uma porção de pão de centeio. Perto, abria-se um corredor que conduzia a um vestibulo, onde estavam alguns vigorosos camponezes, uns de pé, immoveis, com os cabellos soltos, e os casacos apertados na cintura por uma correa; outros preparando os seus instrumentos para a pesca da phoca.

Mas n'esta sala onde o mercador excitava uma tão viva curiosidade, achava-se ainda uma pessoa mais interessante que todas as que o rodeavam. No vão de uma grande janella, assentada em uma cadeira de pão, estava uma mulher tão nova que custaria a crer que fosse a mãe da creancinha que lhe dormia sobre os joelhos. Contudo, observando-a de mais perto, facilmente se reconhecia nos puros lineamentos do seu rosto virginal, a expressão viva das sollicitudes da mãe e da esposa. Era bella, mas d'uma belleza distincta de mais para poder ser apreciada pelas pessoas que a rodeavam. A côr da pelle d'esta mulher não tinha inveja á do marmore; as feições eram extremamente delicadas, e os grandes olhos, de um azul-violeta, abaixavam se sobre os espectadores com profunda melancolia. Vestia pobremente, ou, para melhor dizer, miseravelmente. Um máo mantelete, cujo forro já se não sabia de que côr fôra nos seus primeiros tempos, apenas lhe cobria os braços; na cabeça trazia uma especie de turbante, tal como os que n'este paiz distinguem as judias. Effectivamente era d'esta raça, e na docura, na delicadeza da sua physionomia, havia como que um sentimen-

to secreto dos soffrimentos e da vida resignada d'este povo. Esteve algum tempo afastada, completamente estranha a tudo quanto a rodeava: depois, como se procurasse uma occasião de romper o silencio, voltou-se para a creada que cozia o pão, a qual com suas grossas mãos e largo rosto vermelho, assemelhava se a uma personificação da abundancia vulgar.

— Fazeis, lhe disse, uma enorme fornada.

— Nem mais, nem menos do que nos é preciso, respondeu brutalmente a serva. Não haverá resto para judeus.

— Se guardardes o pão, replicou a estrangeira, até que eu vol-o peça, affianço-vos que se tornará duro como aço.

Este dito provavelmente attrair-lhe ia uma resposta menos caritativa, se a chegada d'um novo personagem não pozesse remate á conversação.

Era a dona da casa que vinha observar pessoalmente a loja nomada, onde só ella podia deixar algum ganho. A sua chegada, as mulheres reunidas em torno do negociante immediatamente se lembraram que, ou aqui, ou ali, ainda havia alguma tarefa por concluir; os camponezes em pé no limiar da porta, afastaram-se precipitadamente, e as fiandeiras fizeram logo girar a roda com uma actividade incrível. Ninguem ficou junto da castellã, senão uma especie de aia, russa, acostumada a julgar-se com direito de fazer tudo quanto fazia a sua ama, e uma grave matrona, desempenhando as funcções de intendente, a qual, logo que entrou, dirigio uma severa reprehensão a uma fiandeira.

(Continua)

#### DUAS PEÇAS PREGADAS POR BAUTRU

A rainha Maria Thereza, algum tempo depois do seu casamento com Luiz XIV, pedio a Bautru para lhe apresentar a condessa, sua mulher. Bautru escusou-se allegando que ella era muito surda. Afinal, obrigado pelas instancias, cedeu, e depois de convencer sua mulher de que a rainha ouvia com muita difficuldade, conduziu-a ao palacio e apresentou lh'a.

A rainha começou a scena gritando aos ouvidos de madame Bautru, e esta respondia no mesmo tom. O grande rei, a quem Bautru havia prevenido da peça, ria com esse rir inextinguivel, de que Homero fez a partilha dos immortaes. Depois de alguns momentos, a rainha apercebendo-se da peça, disse á sua interlocutora: «É verdade, senhora, que Bautru a fez acreditar de que eu era surda? A mim disse-me a mesma coisa da condessa.»

Bautru era dado a estas comedias. Uma manhã, annunciando-lhe um criado a visita d'um presidente de Bordeus, Bautru fez responder que estava doente. O presidente insiste em querer entrar, e Bautru ordena que lhe digam que expirára n'aquelle instante. Surprehendido por esta subita noticia, o presidente quiz absolutamente entrar para aspergir o corpo do defunto, que só teve tempo de se deitar na cama envolvendo-se n'um lençol. O presidente ajoelhou junto do leito e ali orou por espaço de uma hora. Depois levantando-se, pegou na pia d'agoa benta, que havia no quarto, como era antigamente costume, e despejou-a até á ultima gota, sobre o comediante da morte.